

**MUSEUS E EDUCAÇÃO: OS ESPAÇOS CULTURAIS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE**

Cristina de A. Valença C. Barroso

UFS

tina_valenca@yahoo.com.br

RESUMO

O presente texto tem por objetivo compreender até que ponto os espaços culturais visitáveis da Universidade Federal de Sergipe/UFS tem contribuído para o processo de formação dos estudantes/visitantes. Por se tratar de uma pesquisa inicial, os dados ainda podem ser modificados e/ou contestados. Esses espaços culturais foram se formando à medida em que o *campus* universitário foi se consolidando e promovendo abertura de novos laboratórios, novos projetos de pesquisas e de extensão. No entanto se voltarmos o olhar para períodos anteriores à fundação da Universidade, podemos enxergar a existência de outros espaços culturais como no caso das bibliotecas e dos auditórios das faculdades isoladas. Esses espaços foram classificados como espaços culturais que ficam fora do *campus* de São Cristóvão, espaços que ficam dentro do *campus* e espaços culturais em potencial. Estes últimos foram entendidos como potencialmente educativos por desenvolverem em seus espaços atividades de extroversão de informações, aplicação de ações educativas e/ou montagens de exposições temporárias. Como procedimento metodológico foram realizadas leituras da literatura especializada e diagnósticos a partir da Matriz SWOT.

PALAVRAS CHAVE: Universidade, Educação, Espaços Culturais

INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo compreender até que ponto os espaços culturais visitáveis da Universidade Federal de Sergipe/UFS tem contribuído para o processo de formação dos estudantes/visitantes. Por se tratar de uma pesquisa inicial, os dados ainda podem ser modificados e/ou contestados. Esses espaços culturais foram se formando à medida em que o *campus* universitário foi se consolidando e promovendo abertura de novos laboratórios, novos projetos de pesquisas e de extensão. No entanto se voltarmos o olhar para períodos anteriores à fundação da Universidade, podemos enxergar a existência de outros espaços culturais como no caso das bibliotecas e dos auditórios das

faculdades isoladas. Espaços que eram utilizados pela comunidade acadêmica não só para as comemorações festivas, mas também para a realização das atividades pedagógicas e de pesquisa¹.

A Universidade foi fundada em 1968 com a reunião das faculdades isoladas e implantada no município de São Cristóvão, considerada hoje região metropolitana de Aracaju, capital do estado. Como registrou Souza et al(2011): "No final da década de 60, foi implantada a Universidade Federal de Sergipe. Ela incorporou os bens móveis e imóveis das Faculdades isoladas, além de incorporar também, o corpo discente, docentes e os técnicos-administrativos." (SOUZA et al, 2011,p.07). Desde a sua fundação, a Universidade alinhou ao crescimento de cursos, vagas e aumento de produção científica às possibilidades de expansão de suas ações por meio das ações de extensão e por volta dos anos 2006 a 2008 investiu no processo de interiorização com a criação de novos *campi* nas cidades de Laranjeiras, Itabaiana, Lagarto, Glória, além da cidade de São Cristóvão(Portal UFS).

Atualmente, a Universidade Federal de Sergipe tem caminhado para se tornar um espaço de uso comum da comunidade. Não só alavancando as publicações de suas pesquisas e projetos de extensão, mas tornando-as mais palatáveis ao grande público através das mídias como a rádio UFS, através das exposições, dos artigos de jornais e, principalmente, com as publicações que ficam disponíveis na internet. Além disso, percebemos ações como as participações dos grupos de professores publicando suas pesquisas e ações no facebook, twitter, instagram, postando vídeos de aulas e resultados de pesquisas no youtube divulgando a ciência de modo mais veloz e mais acessível a uma boa parte da população. Essas atitudes tem mudado a forma com a qual entendíamos os lugares de fala, antes autorizados e restritos.

Mas não só isso, tem mudado também o modo como a sociedade percebe a Universidade, mais próxima, mais humana. Dentro dessa perspectiva, a Universidade tem estabelecido um ritmo maior de editais de extensão e desenvolvendo projetos como

¹ Mas porque não acrescentar a essa lista o Arquivo Público do Estado de Sergipe(1923), o Teatro Atheneu(1954) e o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe(1912) que eram espaços extra *campus* e que eram frequentemente utilizados para a realização das solenidades e ações culturais promovidas pela comunidade acadêmica.

por exemplo “UFS de Braços Abertos”² cujo objetivo é fazer o guiamento de estudantes da educação básica pra conhecer a Universidade Federal de Sergipe e entender a estrutura do *campus*, dos cursos e anexos. De acordo com os relatos que a equipe do projeto apontou na página do facebook³, os guias já realizaram visitas por diversos espaços da UFS como os laboratórios, biblioteca, Rádio UFS e Editora, participaram de Mesas Redondas, passaram pelas instalações dos mais diversos cursos da UFS *campus* São Cristóvão e pelos espaços museológicos. Este é um projeto que inicia um importante processo de aproximação entre a UFS e a Comunidade fazendo a divulgação das potencialidades dos cursos com atividades que vão além dos laboratórios e das salas de aula.

Como uma instituição de ensino, pesquisa e extensão a UFS mantém funcionando uma série de espaços culturais de educação não formal e que também recebem visitas sistemáticas de alunos universitários e estudantes da educação básica. Assim, fez-se necessário identificar quais são esses espaços e compreender que tipo de experiência eles oferecem aos visitantes. Para tanto seria importante estabelecer as seguintes indagações: Como essas visitas são organizadas? A Universidade divulga esses espaços? Essas visitas são monitoradas? Quais serviços esses espaços culturais oferecem aos visitantes? Quais os departamentos envolvidos? Existe um gerenciamento das informações sobre as visitas (motivações, expectativas e relatos da experiência)? Existe alguma preocupação em fidelizar esses visitantes? Quem acompanha essas visitas? São visitas programadas? São espontâneas? Existe alguma programação ou roteiros preestabelecidos? Como poderíamos caracterizar essas visitas?

Esse texto faz parte de uma das ações oriundas do projeto de pesquisa “Estudo das interfaces entre museus, arquivos e bibliotecas” que percebe esses organismos como espaços cuja uma das finalidades é a mediação da informação. Entendemos ainda que mesmo prevendo suas especificidades, podemos compreendê-los a partir do compromisso que eles tem com a socialização do conhecimento. São instrumentos de e para a mediação cultural.

² Projeto coordenado pela PROGRAD em parceria com o Departamento de Turismo. Portal UFS.2019.

³<https://pt-br.facebook.com/ufsdebracosabertos> acesso em 17/07/19

Para Perrotti(2014) a mediação cultural não está isenta e nem fora dos esquemas de interesses e conflitos, ela não está marcada apenas pela tentativa de aproximar o público de um determinado produto cultural. Os saberes, as pré noções e conhecimentos anteriores e posicionamentos distintos são geradores de conflitos e estes, por consequência, são geradores significações, analisa o autor. Assim a mediação cultural ela favorece a percepção das diversidades e da pluralidade do campo simbólico. Perrotti(2014) defende que:

A mediação, ao afirmar um locus, desloca e amplia também o sentido do termo, definindo-o como ato especial, singular e autônomo de criação e de protagonização cultural. Nesse sentido, a mediação cultural não se define apenas como um conjunto de procedimentos destinados a aproximar o público dos produtos culturais. É, antes, atuação, tomada de posição em território marcado por posições distintas e nem sempre concordantes. Como sabemos, assim como outros territórios, os culturais são palco de disputas, de confrontos, “de lutas pela significação.(PERROTI, 2014, p.13)

Nesse processo de mediação cultural os museus, as bibliotecas e os arquivos se constituem como espaço culturais geradores de conflitos e colaboradores na formação de percepções plurais e diversificadas de determinados aspectos sociais e culturais. Esse é o papel social e educativo dessas instituições. Promover a reflexão e provocar ressignificações. Não menos que os museus e os arquivos, as bibliotecas revisitam seus objetivos e sua atuação, permitem-se questionar seu alcance e promovem ações de mediação que vão para além de conceber o visitante/pesquisador apenas como um usuário. Para Rasteli e Caldas(2017) “as bibliotecas são vistas como dispositivos produtores de sentidos”, mas não só isso elas podem ser concebidas como um veículo com o qual é possível construir significados e comunicar práticas culturais. Afirmam esses autores que:

Na identificação das práticas de mediação cultural, percebe-se uma ampla gama de possibilidades e intervenções como oficinas de artes, exposições, apresentações artísticas, encontros com artistas, teatro, cinema, audiovisual, fotografia, som, movimento abarcando diferentes formas de linguagens. (RASTELI e CALDAS,2017, p.160)

Quando discute as possibilidades de ações culturais e educativas nos arquivos, Freire (2009) aponta que as ações educativas devem ser promovidas para dar acesso e

conhecimento do patrimônio documental preservado nos arquivos e sirva ao desenvolvimento social. Acredita que:

As atividades culturais e educativas desenvolvidas nos arquivos são as que melhor cumprem a função de transformá-lo num bem social, popular e da comunidade. Seus acervos guardam a história das localidades onde estão inseridos, por isso podem ser utilizados efetivamente como fontes de conhecimento, não apenas para os pesquisadores e historiadores, de forma mais democrática- para os cidadãos comuns...(FREIRE, 2009, p.02)

Para essa pesquisa foi realizado um recorte a partir de três especificações: a) Espaços culturais que ficam fora do *campus* de São Cristóvão; b) Espaço culturais que ficam dentro do *campus* de São Cristóvão; c) Espaços culturais em potencial⁴.

Dentro da primeira categoria elegemos: o Museu Arqueológico de Xingó, Centro de Cultura e Arte- CULTART: com a Pinacoteca Professor Luiz Alberto dos Santos e a Galeria de Arte Florival Santos, BICAL, as ruínas restauradas do *campus* de Laranjeiras e o Museu do Homem Sergipano que hoje o prédio se encontra desativado, entretanto parte seu acervo está mantido pelo curso de Museologia/UFS que promove exposições temporárias que circulam diversos espaços museológicos, e outra parte do acervo compõe duas salas do Museu Histórico de São Cristóvão.

Na segunda identificamos os seguintes espaços: O Memorial da Democracia, o Herbário de Sergipe-ASE, O Museu de Anatomia, o Laboratório de Paleontologia,

⁴ Esse levantamento ainda é preliminar, portanto outros espaços culturais dentro e fora do *campus* de São Cristóvão para a promoção de ações culturais e educativas ainda podem ser identificados. Haja vista a necessidade de uma investigação mais profunda principalmente em relação às potencialidades dos outros campi dos interiores.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Galeria de Arte Jordão de Oliveira, Biblioteca Central da UFS, O Centro de Pesquisa Documentação e Memória do Colégio de Aplicação.



FIG.: 01. Memorial da Democracia. Universidade Federal de Sergipe. JUL/2019.
Autoria: Humberto Moraes

Na terceira categoria, espaços culturais em potencial, elencamos a Galeria dos Reitores, Laboratórios do curso de Biologia e suas coleções, Espaço de Vivência, o Hall da Reitoria cujo espaço é sempre utilizado para lançamentos de livros, palestras, reuniões e instalações de exposições temporárias. Esses espaços foram identificados no processo

de investigação como potencialmente educativos por contarem parte da história da própria UFS.



FIG.: 02. Hall da Reitoria. Universidade Federal de Sergipe. JUL/2019. Autoria: Humberto Moraes.

Nessa direção, podemos considerar esses espaços como instituições de educação não formal. Entendemos, todavia, que o campo das discussões sobre o que seria considerado educação não formal ainda é um tema bastante discutido e controverso na literatura especializada. As discordâncias, as críticas, ou mesmo as argumentações com visões complementares são colaborativas na conformação de uma ideia. Para este caso, existem autores que optam pelas definições de educação formal, informal e não formal, outros utilizam apenas as expressões como: educação informal e educação formal colocando ambas em sentidos opostos.

Um direcionamento bastante presente nas discussões e que passou a ser alvo de críticas é que deveríamos entender a educação não formal por sua própria natureza e definição e não por simples contraposição às características da informal e, principalmente, da formal. O autor dessas críticas, o professor Gadotti(2013) afirma: “seria melhor definir a educação não formal por aquilo que ela é, pela sua especificidade e não por sua oposição à educação formal”(GADOTTI, 2013,p.08).

Já autores como Marandino(2008) fazem uso da educação não formal de forma mais consensual para espaços como museus. Levando em consideração suas orientações, ela afirma que:

Os museus vem sendo caracterizados como locais que possuem uma forma própria de desenvolver sua dimensão educativa. Identificamos como espaços de educação não formal, essa caracterização busca diferencia-los das experiências formais de educação como aquelas desenvolvidas na escola, e das experiências informais geralmente associadas ao ambiente da família.(MARANDINO, 2008, p.12)

Com um olhar mais processual, Gohn (2014) defende:

É um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. A educação não-formal, não é nativa, ela é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidades no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. O aprendizado gerado e compartilhado na educação não-formal não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidades e propostas”. (GOHN, 2014, p. 04)

Gohn(2014) orienta que a educação não formal é formada a partir de escolhas e que seu aprendizado é gerado de forma intencional. Existe um planejamento na produção dos saberes. Existe também uma receptividade da proposta. Assim, a forma com a qual ela definiu a educação não formal nos deixa entrever que essa categoria se aplicaria melhor a educação processada nos ambientes como museus, arquivos e bibliotecas.

Entretanto, independentemente dos questionamentos sobre que tipo de educação as instituições de informação e cultura adotam na sua prática cotidiana, buscamos entender a natureza educativa desses espaços priorizando a compreensão da ideia do “processo educativo”, entendido aqui como práticas educativas planejadas e intencionais que sugerem um movimento recíproco de ensino e aprendizagem entre mediador e receptor.

Ou seja, buscamos não compartimentalizar a ideia do tipo de educação que porventura possa caracterizar esses espaços, se formal, informal, não formal, escolar, não escolar ou extra escolar... Mas optamos por exercer uma reflexão mais generalizada, mais ampla. Isto porque independente se o ambiente é institucionalizado ou não, entende-se que nos

museus, arquivos e bibliotecas acontecem sistematicamente tanto 'processos de ensino' quanto 'processos de aprendizagens'.

Nessa perspectiva, optamos trabalhar com a categoria 'prática educativa' ou educacional para perceber o alcance desses processos de ensino e aprendizagens e definimos a "ação educativa" a partir do composto: planejamento/ação/avaliação ou autoavaliação para não desprender da prática educativa a sua compreensão sistêmica e global.

O caminho metodológico traçado toma como base a pesquisa qualitativa e foi planejado em três etapas: inicialmente foram mapeados os espaços que sistematicamente recebem visitas agendada, posteriormente será realizada uma pesquisa sobre o histórico desses espaços com a finalidade de entender como surgiram, as propostas de criações e seus objetivos. Por fim, os espaços serão analisados de acordo com a Matriz SWOT com o intuito de compreender o processo de visita verificando seus pontos forte e fracos, a organização e funcionamento de cada espaço cultural traçando um entendimento sobre as oportunidades percebendo que tipo de informações/experiências são oferecidos aos visitantes. Mas não só isso, com a Matriz SWOT é possível elencar as possíveis ameaças que possam interferir no processo da visita e assim traçar planos estratégicos de modo a minimizar seus possíveis efeitos. Chiavenato e Sapiro(2003) também elucidam sobre o funcionamento dessa ferramenta, estabelecendo a relação dessas quatro variáveis na formulação de uma avaliação estratégica

A matriz SWOT foi utilizada nesse estudo como uma importante ferramenta para compreender o alcance e a relevância das visitas aos espaços culturais da UFS. Ela vem se mostrando como um mecanismo colaborativo na investigação das problemáticas referentes ao campo da Museologia bem como para outras áreas do conhecimento. Muito conhecida na área da administração, a análise SWOT vem auxiliando na compreensão de como podemos melhorar a qualidade de visita às instituições culturais.

Através das leituras de Silva(2011) podemos trazer essa perspectiva para os museus, arquivos e bibliotecas e pensar como uma ferramenta de gestão proporciona uma visão mais apurada dos pontos em que essas instituições devem melhorar, reorganizar e até mesmo balancear os trabalho internos e externos, ou seja, a partir dela é possível ter uma visão mais clara tanto dos trabalhos que envolvem a pesquisa, documentação, a

reserva técnica, restauro até as ofertas das atividades culturais e educativas voltadas diretamente para o público.

Ainda de acordo com as orientações de Silva(2011) podemos inferir que ao levarmos em consideração as possibilidades de gerenciamento de riscos e planejamentos estratégicos que essa ferramenta proporciona, o gestor dos museus, arquivos e bibliotecas tem uma maior maleabilidade de opções numa tomada de decisão ou na aplicação de recursos, por exemplo. De acordo com Silva et al(2011):

A análise da Matriz SWOT é uma ferramentas essencial para uma organização, por é através dela que a empresa consegue ter uma visão clara e objetiva sobre quais são suas forças e fraquezas no ambiente interno e suas oportunidades e ameaças no ambiente externo, dessa forma com essa análise os gerentes conseguem elaborar estratégias para objeto vantagem competitiva e melhor desempenho organizacional(SILVA, et al, 2011, p. 03).

Na análise SWOT compreendemos a instituição a partir do seu ambiente interno e externo. Como reflete Silva et al(2011) ela permite compreender as forças e as fraquezas próprias da gestão interna e que podem ser administradas logo ao serem reconhecidas. Mas também, por esse exercício reflexivo, ele permite perceber as oportunidades e as ameaças, que por sua vez estão ligadas ao ambiente externo, e que precisam de estratégias para serem gerenciadas.

A partir das análises iniciais realizadas com a aplicação da ferramenta Matriz SWOT foi possível perceber que de forma geral tanto os espaços culturais que ficam dentro e fora do *campus* de São Cristóvão guardam em si grandes potenciais não só educativos, mas também influenciadores de uma geração de novos pesquisadores que passam a conhecer os espaços, os resultados de pesquisas, a forma com a qual os profissionais trabalham, conhecem as novas possibilidades de profissões e passam a olhar para a universidade como um local de visita. Outro ponto forte é que são espaços produtivos, geram pesquisas, artigos, exposições, ou seja, levam a Universidade para além de seus limites físicos. Além de serem espaços onde ações culturais e educativas são aplicadas, espaços cujos usuários buscam conhecimento, espaços em que o perfil dos visitantes varia de turistas a estudantes, pesquisadores a público leigo e ou espontâneo.

Pela riqueza e variedade de visitas que esses espaços recebem faz-se necessário um planejamento e estudo de público.

Talvez como um dos pontos fracos eleitos dentro da Matriz podemos indicar é o gerenciamento de visita e estudo de público. Mas esse problema não é setorial, realizar a gestão de público requer da instituição capital humano capacitado o que muitas vezes dificulta a realização desse tipo de trabalho. Conforme Cury:

A falta de processos de avaliação em museus no Brasil, acredito, está ligada à falta de conhecimento sobre um quadro teórico referencial e sobre metodologias apropriadas para o desenvolvimento de processo avaliatórios fundamentados. A consciência da importância existe, mas não esta sendo o suficiente para mecanismos de avaliação. (CURY, 2005, p.121).

Com o estudo e gerenciamento de público resolvido, o próximo passo seria pensar nas formas de registro das atividades executadas e na acessibilidade. A inclusão social intensifica as possibilidades de uso e sucesso dessa ferramenta educativa. Além disso é interessante planejar e criar programas de visitas estabelecendo roteiros especificando que tipo de experiência podem ser reservadas aos visitantes. É inegável a potencialidade educativa das visitas a esses espaços culturais entretanto seria interessante incluir programações com visitas criativas, visitas científicas, visitas-ação. Nessa direção concordamos com Marandino(2008,p. 22-23 *apud GRINDER e MCCOY, 1998*): "as estratégias de relacionamento dos mediadores com o grupo devem incentivar a participação ativa. De maneira geral, existem três tipos de visitação possível a visitas-palestras, a discussão dirigida e a visita- descoberta”.

Nesse olhar, percebemos como Oportunidades no quadro da Matriz a divulgação das potencialidades, competências e talentos dos sujeitos e espaços culturais que estão envolvidos nesses projetos. Outra oportunidade seria compor um quadro de mediadores formado por alunos do ensino superior, educação básica e da comunidade do entorno do espaço cultural. Acolher alunos do ensino superior e alunos da educação básica que tenham interesse nos trabalhos voluntários como mediadores culturais seria uma excelente oportunidade para formação complementar extra curricular. Outra oportunidade são as temáticas variadas que podem ser trabalhadas pelos professores da educação básica para aprofundamento científico e informacional. Mesmo apresentando dados ainda inconclusivos, este texto aponta a necessidade de aprofundamento teórico e

metodológico para tentar compreender o processo das ações desenvolvidas nesses espaços culturais, entretanto aponta como pontos positivos o rol das potencialidades dos projetos que já estão sendo desenvolvidos no sentido de aproximar a Universidade e toda sua dinâmica da comunidade a quem ela presta serviço.

REFERENCIAS

CHIAVENATO, J. SAPIRO, A. **Planejamento Estratégico: fundamento e aplicações.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

FREIRE, Luiz Gustavo Lima. Difusão educativa em arquivos. In: **Histórica-** Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, n. 34, 2009. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/antiores/edicao34/materia06/> Acesso 23/07/19.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular, educação social, educação comunitária: conceito e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum.** Disponível em: <http://www.proceedings.cielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf> Acesso em 17/07/19

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação - II^a Série, Número 1, 2014.** Disponível em: https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf. Acesso em 17/07/19

MARANDINO, Martha. BIZERRA, Alessandra Fernandes. NAVAS, Ana maria. STANDERSKI, Lilia. FARES, Djana Contier Fares. MONACO, Luciana, M. MARTINS, Luciana, Conrado. SOUZA, Maria Paula Correia de. GARCIA, Viviane Aparecida Richid. **Educação em museus: a mediação em foco/ Organização Martha Marandino — São Paulo, SP: Geenf / FEUSP, 2008.**

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação, Londrina, v. 19, n. 2, p. 01-22, out. 2014.** Disponível em: <<http://goo.gl/2fSHRV>>. Acesso em: 24 JuL. 2019.

RASTELI, Alessandro. CALDAS, Rosângela Formentini. Percepções sobre a mediação cultural em bibliotecas na literatura nacional e estrangeira. In: **Informação, Campinas, 29(2) : 151-161, maio/ago, 2017.** Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2318-08892017000200003>. Acesso em 23.07.19

SILVA, Andreia Aparecida. SILVA, Natalia Salmont. BARBOSA, Valéria de Almeida. HENRIQUE, Marcelo Rabelo. BAPTISTA, José Abel. Utilização da Matriz Swot como Ferramenta Estratégica – um Estudo de Caso em uma Escola de Idioma de São Paulo. IN: **VIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia.** Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos11/26714255.pdf>. Acesso em 15/07/19

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

SOUZA, Josefa Eliana. SANTOS, Patrícia Francisca de Matos. LIMA, Ana Paula Soares. MELO, Nalison. Universidade Federal de Sergipe: de faculdades isoladas a expansão(1948-2008). **Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação**. 2011. Disponível em: Esta é a versão em HTML do arquivo http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/file/1014.doc. Acesso em 24/07/19